O R D E M D O S E N F E R M E I R O S

Passividade de enfermeiros dita reprovação do Plano de Atividades e Orçamento 2014 e traduz implicações importantes nos serviços de saúde

Decorreu na passada sexta-feira, 21 março, a habitual Assembleia Geral da Ordem dos Enfermeiros (OE), com o objetivo estatutário de discutir e aprovar um conjunto de documentos estruturantes ao seu desígnio. Destaca-se, entre estes, o Plano de Atividades e Orçamento para 2014, que estrutura o caminho a seguir no corrente ano e a devida sustentabilidade financeira da instituição.

O facto mais marcante desta Assembleia Geral foi, sem margem de dúvida, a reprovação do Plano de Atividades e Orçamento para 2014. Tal situação inviabiliza a prossecução da atividade da OE, com especial destaque para as suas atribuições estatutárias para a implementação de medidas que dão continuidade ao programa legitimamente sufragado pelos enfermeiros nas eleições de 2011.

Este resultado não é de todo surpreendente, uma vez que eram visíveis movimentos prévios neste sentido. Os propósitos demolidores, porventura eleitoralistas, e concertados de poucos «venceram» claramente face ao alheamento significativo da esmagadora maioria dos enfermeiros, traduzida na sua desmobilização.

A organização de uma ínfima minoria prevaleceu sobre uma reduzida participação e passividade dos enfermeiros – pelo que não se encara este desfecho como sinal do descontentamento dos membros com o desempenho dos atuais órgãos da OE.

Esta ausência dos enfermeiros na Assembleia Geral é compreensível. **Os enfermeiros estão desmotivados, pouco disponíveis para participar, fruto das constantes agressões de que são vítimas no seu dia-a-dia, quer como profissionais, quer como cidadãos deste país. Os enfermeiros não são imunes ao sentimento generalizado da sociedade portuguesa de revolta e indignação pelo modo como o poder político os tem tratado e desvalorizado. Os enfermeiros estão cansados e demonstram já dificuldade em disponibilizar mais um dia das suas vidas privadas e mais um custo**.

Não podemos considerar que a reprovação do Plano de Atividades e Orçamento para 2014 é o que mais nos preocupa. Inquieta-nos bem mais a interpretação deste sintoma, que deverá ser encarado

pelo poder político como um verdadeiro problema. **Se os enfermeiros estão cansados para defender a sua profissão, claramente estarão pouco disponíveis para dar mais de si aos serviços de saúde e à concretização de políticas de saúde em que não são valorizados**.

Os enfermeiros dedicam grande parte das suas vidas aos serviços de saúde e aos cidadãos de quem cuidam, muito para além daquilo a que habitualmente estão vinculados. Contudo, deve o poder político refletir que a boa vontade não poderá estar na base da manutenção do funcionamento dos serviços e qualidade de cuidados. Para se exigir respeito, tem que se respeitar! E os enfermeiros merecem ser respeitados pelo indelével contributo que deram para a construção e consolidação do nosso Serviço Nacional de Saúde.

Sendo compreensível este distanciamento e desânimo, estes são sentimentos que não justificam a ausência dos enfermeiros em momentos decisivos para a profissão. Afinal, a profissão precisa de todos para crescer e se afirmar politicamente.

Ciente das graves implicações para os superiores interesses da OE e consequentes constrangimentos para a profissão que a inexistência de Plano de Atividades e Orçamento para o ano em curso acarreta, **o Conselho Diretivo, no respeito pela deliberação do seu órgão magno, após ponderada reflexão sobre as propostas e argumentos expressados pelos enfermeiros, anunciará, logo que oportuno, a melhor estratégia para a resolução da atual situação**.

O Bastonário da Ordem dos Enfermeiros
Enf. Germano Couto